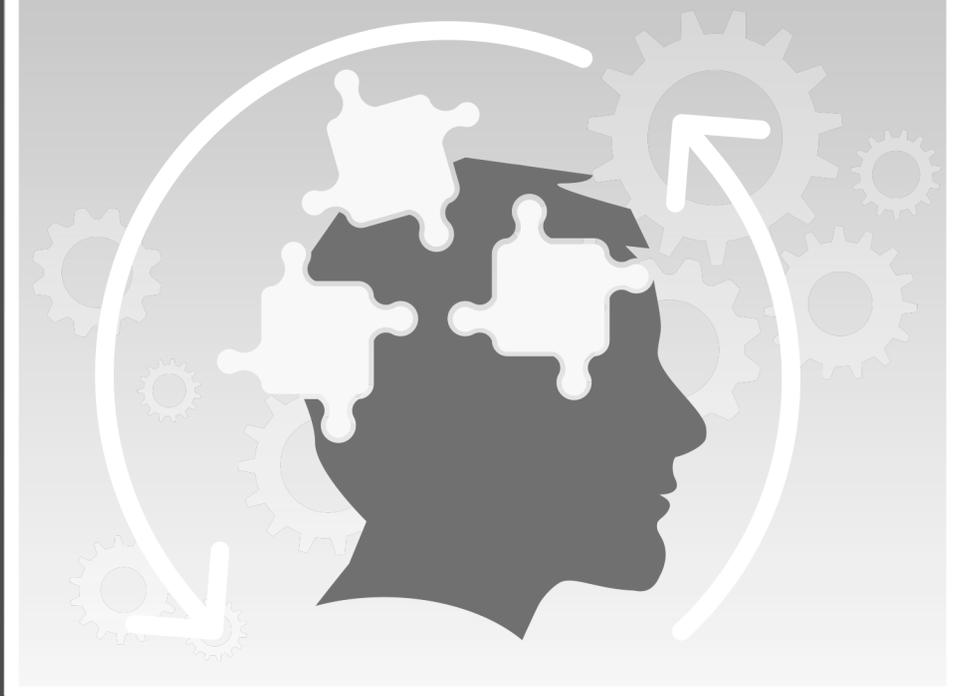


# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2020



Letras e Linguística:  
Estrutura e  
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Letras e linguística: estrutura e funcionamento

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-453-5

DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGUÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos Asussena Noleto de Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli Ernani Cesar de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira Juliana Cristina Salvadori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>160</b>
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciara Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>172</b>
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.53520021015**

**CAPÍTULO 16..... 183**

**LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES**

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

**DOI 10.22533/at.ed.53520021016**

**CAPÍTULO 17..... 194**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA  
MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Biacchi Brust

Fabiane da Silva Verissimo

**DOI 10.22533/at.ed.53520021017**

**CAPÍTULO 18..... 206**

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES  
ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA**

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.22533/at.ed.53520021018**

**CAPÍTULO 19..... 217**

**A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA**

Conrado Neves Sathler

**DOI 10.22533/at.ed.53520021019**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 225**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 226**

## CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA

*Data de aceite: 01/10/2020*

*Data de submissão: 12/08/2020*

### **Jéssica Vidal Damaceno**

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Ribeirão Preto – São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/2840114679085467>

### **Filomena Elaine Paiva Assolini**

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Ribeirão Preto – São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/8106220335279097>

**RESUMO:** O sujeito-professor sofre com as adversidades decorrentes do momento sócio-histórico e com realidades que nem sempre favorecem o desenvolvimento de seu trabalho docente. Falamos das condições de trabalho que diante das (in)certezas, torna-se um fator determinante no modo como as práticas pedagógicas se desenvolvem em salas de aula. Nesse sentido, pesquisamos as condições de trabalho, a partir dos sintomas desenvolvidos no professor e que nos remetem ao mal-estar do docente na contemporaneidade. Acreditamos que o mal-estar se presentifica nas práticas pedagógicas tecidas. Com isso, buscamos indícios das condições de trabalho oferecidas em diferentes escolas, nas práticas pedagógicas de um mesmo sujeito-professor. Para isso, acompanhamos o trabalho de três professores que ministram aulas em escolas

públicas e privadas de Ribeirão Preto, para turmas de mesma idade e mesmo conteúdo programático. Apoiamo-nos na Análise de Discurso Pecheuxtiana enquanto referencial teórico metodológico e nas contribuições da Psicanálise freudo-lacaniana para a Educação. Os resultados obtidos foram analisados à luz dessas teorias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Condições de trabalho, Mal-estar docente, Práticas pedagógicas escolares.

### WORKING CONDITIONS OF SUBJECT TEACHERS IN DIFFERENT SCHOOLS: DISCURSIVE ANALYSIS

**ABSTRACT:** The subject-teacher suffers from the adversities resulting from the socio-historical moment and with realities that do not always favor the development of his teaching work. We speak of working conditions that, faced with (in) certainties, become a determining factor in the way pedagogical practices develop in classrooms. In this sense, we researched the working conditions, based on the symptoms developed by the teacher and which lead us to the teacher's malaise in contemporary times. We believe that malaise is present in the woven pedagogical practices. With that, we look for evidence of the working conditions offered in different schools, in the pedagogical practices of the same subject-teacher. For this, we follow the work of three teachers who teach classes in public and private schools in Ribeirão Preto, for classes of the same age and the same program content. We rely on Pecheuxtian Discourse Analysis as a theoretical methodological framework and on the

contributions of Freud-Lacanian Psychoanalysis to Education. The results obtained were analyzed in the light of these theories.

**KEYWORDS:** Working conditions, Teaching malaise, School pedagogical practices.

## 1 | INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o sujeito-professor sofre uma série de embates decorrentes do momento sócio-histórico que está inserido. Trata-se de um momento ímpar, no qual os sujeitos são marcados por diferentes pulsões e inseridos, ao mesmo tempo, em uma sociedade marcada pelas facilidades. Na tentativa de moldar os conteúdos apresentados, o sujeito-professor se depara com realidades que nem sempre favorecem o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico.

Destacamos então as condições de trabalho que diante das (in)certezas, da recente instabilidade política e das novas exigências (a)gravadas pela pandemia do Coronavírus, se tornam um fator determinante para o modo como as práticas pedagógicas se desenvolvem. O conjunto de fatores adversos, entendidos nessa pesquisa como condições de trabalho, pode desenvolver ao longo do tempo, características que constituem a subjetividade docente. Essas características são reconhecidas pela Psicanálise como o sintoma do sujeito-professor que é, para nós, provocado pelas condições de trabalho e que por sua vez compõe um cenário de mal-estar do docente na contemporaneidade. Esse mal-estar se presentifica nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e que segundo Freud (2011), “está sempre presente, num lugar ou outro por detrás de todo sintoma”.

Com isso, a pesquisa realizada buscou os indícios das condições de trabalho oferecidas em diferentes escolas, nas práticas pedagógicas de um mesmo sujeito-professor de química. Abordou-se a relação dessas condições de trabalho com a formação do mal-estar docente e como o sujeito-professor deve se implicar na busca por espaços formativos a fim de superar as adversidades impostas ao desenvolvimento de seu trabalho, proporcionando melhorias no processo de ensino-aprendizagem e valorização de seu trabalho.

Analizamos as marcas e os efeitos de sentido, presentes nos dizeres dos professores, considerando que essas marcas discursivas possibilitam-nos explicar o funcionamento das Formações Discursivas, bem como buscar entender a realidade em que se inscreve a(s) prática(s) escolares (ASSOLINI, 2003).

## 2 | DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Análise de Discurso: referencial teórico metodológico:

Como referencial teórico metodológico apoiamo-nos na Análise de Discurso de matriz francesa (pecheuxtiana), doravante AD, que servirá como instrumento para analisar

e refletir os recortes selecionados. Tem-se os primeiros registros da Análise de Discurso em 1969 como uma disciplina universitária, mesmo ano em que ocorreu a publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, dos autores Michel Pêcheux e Fuchs.

Em suas contribuições, Assolini (2003) nos mostra:

A AD procura compreender o modo como um objeto simbólico produz sentidos, não a partir de um gesto automático de decodificação, mas como um procedimento que desvenda a historicidade contida na linguagem, em seus mecanismos imaginários. Dessa forma, o fragmentário, o disperso, o incompleto e a opacidade também são de domínio da reflexão em AD. (p. 18).

Em decorrência disso, estudar a linguagem a partir da perspectiva discursiva, significa abarcá-la nessa complexidade, buscando entender e compreender o seu funcionamento.

Desse modo, percebemos que a linguagem não é considerada neutra, mas sim um elemento de mediação do homem e de sua realidade. Dessa forma, não podemos estudá-la fora da sociedade e da historicidade do sujeito, uma vez que os processos que a constituem, são processos histórico-sociais vividos por cada um de nós.

Dentro desse contexto, Orlandi (2007) nos mostra que a linguagem enquanto discurso é a própria ação que transforma o homem em realidade, pois ao falar e tentar dar significado, nós nos significamos, a partir de nossa vivência histórico-social.

Na perspectiva discursiva não se pode estudar a Linguagem separadamente da Língua ou o Sentido sem o Sujeito. Esses conceitos são imprescindíveis para o entendimento dessa teoria. Apoiando-nos em Orlandi (2009) vemos que a língua não é apenas um código e a AD não é apenas um transmissor de informação. Existe um emissor e um receptor, porém esses não atuam em sequência, assim não há necessidade de um processo ser concluído para que outro apareça. O processo de significação ocorre simultaneamente para ambos. Não podemos dizer que é apenas transmissão de informação, pois cada sujeito tem a sua produção histórica e ao falar dá-se sentido à sua historicidade, visto que a Memória Discursiva, memória de sentidos (COURTINE, 1981), é acionada impedindo a simples transferência de mensagem. Quando a mesma autora (1999) define a Linguagem como trabalho, ela desloca percursos propondo um caminho que não passa somente pelo aparelho psíquico ou pelo social, mas também pelo domínio da Ideologia. Essa concepção se contrapõe àquelas que consideram a língua como um simples instrumento de comunicação. Vale ressaltar que a relação entre Sujeito e Sentido constitui a definição de discurso, assim pode-se dizer que o Discurso é o efeito de sentido entre os locutores que são os próprios sujeitos.

Para Lagazzi (1988):

(...) o sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas a relação que se estabelece com essa formação dominante e com outras formações discursivas que aí se entrecruzam, a relação que ele estabelece entre as várias formações discursivas, é própria de cada sujeito e não preexiste a

esse sujeito. Cada história produz um discurso diferente. Trata-se, assim, de uma constituição mútua: o sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas ao mesmo tempo constitui uma relação própria com essa formação discursiva, relação essa permeada pela história do sujeito (p.25).

Temos então um indicio forte capaz de confirmar a relação entre Sujeito, Sentido e a sua própria construção histórica como sujeito que (re)significa o seu dizer a partir da posição que ocupa.

Diante das breves definições apresentadas e sendo o sujeito-professor o principal meio de obtenção de dados dessa pesquisa, faremos uso de suas memórias particulares (memória discursiva, de sentidos), para atingir o objetivo geral do estudo que é analisar as manifestações do mal-estar provocado pelas condições de trabalho que reverberam nas práticas pedagógicas dos mesmos sujeitos-professores em diferentes escolas.

Uma análise discursiva se constitui por etapas que correspondem às propriedades do discurso e ao seu funcionamento. Tendo como premissa um texto faz-se a passagem da superfície linguística (1ª etapa) para o objeto discursivo (2ª etapa) e, desta Formação Discursiva para o processo discursivo (3ª etapa – Formação Ideológica). Na primeira etapa o analista, em seu primeiro contato com o texto, procura uma discursividade, para construir um objeto discursivo que possibilite diferentes interpretações, pois para a AD não há discurso acabado, os sentidos são múltiplos e as interpretações sempre podem surgir, mas não são sentidos quaisquer (ASSOLINI, 2003).

Compete, portanto, ao analista “(...) tornar visível o fato de que ao longo do dizer se formam famílias parafrásticas relacionando o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ser dito, etc”. Assim esses dizeres levam às Formações Discursivas, definindo “o que pode e deve ser dito em determinado momento sócio-histórico” (ORLANDI, 2009).

Partindo do objeto discursivo obtido na primeira etapa, “o analista vai incidir uma análise que procura relacionar as Formações Discursivas distintas – que podem ter-se delineado no jogo de sentidos observado pela análise do processo de significação (paráfrase, sinonímia etc.) – com a Formação Ideológica” (ORLANDI, 2009). Assim o analista atinge a constituição de todos os processos discursivos responsáveis pelos Efeitos de Sentido e conclui assim, a segunda etapa da análise.

Dessa forma,

distinguindo, na origem de sua reflexão, como diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instancia da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido). Se digo “deixei de fumar” o pressuposto é que eu fumava antes, ou seja, não posso dizer que “deixei de fumar” se não fumava antes. O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente). Mas o motivo, por exemplo, fica como subentendido. Pode-se pensar que é porque me fazia mal. Pode ser também que não seja essa razão. O Subentendido depende do contexto” (ORLANDI, 1996, p. 32).

Entende-se que o subentendido complementa e se faz necessário ao que é entendido. E que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não ditos que também significam (ORLANDI, 2009).

Nesse referencial teórico, é necessário olhar o texto como fato e não como dado, e observar como ele, enquanto objeto simbólico funciona. Assim, não compete ao analista do discurso interpretar ou descrever o texto, mas sim compreender e esclarecer como esse texto é capaz de produzir sentidos, identificando quais gestos de interpretação o formam, assim como as posições dos sujeitos analisados, lembrando que toda interpretação está sujeita a manifestações do inconsciente e passível de novos olhares.

No contexto linguístico citado anteriormente, não há constituição de sentidos sem levar em consideração a historicidade, melhor dizendo, o contexto histórico-social no qual a linguagem se firma. Dessa forma, na Análise de Discurso a linguagem só passa a ter sentido porque está carregada de história, particularidades da vida cotidiana dos sujeitos envolvidos. Todas as emoções, dificuldades, sentimentos, realizações e esperanças vêm embutidos nessa linguagem que aos olhos do analista devem ser (re)vistas.

O sentido precisa ser trabalhado como algo relativo, que depende de outro fator, assim qualquer alteração desse fator, faz com que o sentido ganhe outra perspectiva diferente da primeira. Surge então a necessidade de se reunir três áreas do conhecimento científico, sendo elas as Teorias da Ideologia, que compreendem as Formações Sociais e suas transformações; a Linguística; e a Teoria do Discurso, que determina a historicidade dos processos semânticos.

Por fim, apresentamos outro conceito não menos importante, que é a Ideologia. A ideologia é responsável da interpelação do indivíduo em sujeito que precisa se inserir no repetível para que seja interpretável. Todos os sujeitos são atravessados ideologicamente, sem mesmo que percebam tal processo, entretanto as marcas ideológicas, ou melhor, as Formações Ideológicas se apresentam nos discursos, nas queixas, nos ditos, nos não-ditos e no silêncio de cada sujeito-professor participante dessa pesquisa (ORLANDI, 1996). Althusser (1999) nos mostra que:

o indivíduo porta-se de tal ou qual maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participa de algumas práticas submetidas a regras, que são as do Aparelho Ideológico de que “dependem” as ideias que ele, com plena consciência, livremente escolheu como sujeito. Se acredita em Deus, ele vai à igreja assistir à missa, ajoelha, reza, confessa-se, faz penitência e, naturalmente, arrepende-se, e continua etc [...] observamos que a própria representação ideológica da ideologia é forçada a reconhecer que todo “sujeito” dotado de uma “consciência”, e confiando nas “ideias” que sua “consciência” lhe inspira e livremente aceita, deve “agir de acordo com as suas ideias” – portanto, deve inscrever suas ideias, como sujeito livre, nos atos de sua prática material (p. 130).

Reforçamos ainda que a interpretação se relaciona com a subjetividade e com as Formações Ideológicas. Assim, os resultados obtidos foram analisados à luz da AD com contribuições da Psicanálise freudo-lacanianiana para a Educação levando-se em consideração não a organização, mas sim a Ordem do Discurso (FOUCAULT, 2000) que é a forma material em que o sujeito é definido pelos sentidos que são revestidos pela historicidade.

## 2.2 Contribuições da Psicanálise: o Mal-estar na Educação

Manifestações características de mal-estar transbordam por entre as salas de aula das escolas públicas e privadas, repercutindo na saúde, no bem-estar e na formação dos sujeitos-professores, considerados aqui, autores de um trabalho pedagógico.

Para Freud (2011), o mal-estar “está sempre presente, num lugar ou outro por detrás de todo sintoma”, dessa forma presumimos que o mal-estar docente surge através de uma série de fatores à que sujeitos-professores estão expostos no cotidiano de seu trabalho e no conjunto, constituem uma vertente do sintoma, que além de gerar angústias reais nesses profissionais, podem também, impactar no processo de ensino e aprendizagem, influenciando a ‘forma’ com que os conteúdos específicos são ministrados e adquirindo sentidos de verdade e de convicção.

Ao denominar condições de trabalho subentendemos o espaço físico do prédio escolar, a disponibilidade de recursos didáticos como lousa, giz, livros, apostilas, computadores entre outros, mas entendemos também que as políticas públicas educacionais compõe as condições de trabalho formando um quadro de (in)certezas e instabilidades tanto nas escolas públicas quanto nas privadas. É impossível não considerar o resultado de alguns desses fatores na rotina dos sujeitos-professores. A junção desses fatores, ao longo do tempo, pode gerar um mal-estar constitutivo, que por sua vez, pode atravessar as práticas pedagógicas do sujeito-professor.

Filiamo-nos à ideia de que o Sintoma surge a partir de um contexto de Mal-estar e possui relação direta com o Sujeito, assim podemos pensar no Sintoma como um elemento que nos permite compreender os processos que permeiam a construção da subjetividade na contemporaneidade. Isso devido ao fato de que o Sintoma se articula com a Ideologia e o Inconsciente.

A grande contribuição da Psicanálise para as Ciências da Educação se dá, nessa pesquisa, com a possibilidade de compreender o sintoma não apenas como algo da ordem médica ou patológica, pois nessa perspectiva teórica assumimos que

o sintoma deixa de ser um sinal de uma doença, como por hábito se pensa a partir da ordem médica e psicopedagógica, e passa a ser um fenômeno subjetivo constituído pela realização deformada do desejo. Ele é uma “pantomina do desejo” ou é aquilo que nas pessoas “há de mais real” (PEREIRA, 2017, p. 07).

Entendendo a relação do Sintoma com a Ideologia, podemos inferir que no sintoma há um caráter de dualidade e de problema-solução, afinal o sujeito se constitui no e a partir do sintoma. O sintoma é do sujeito, mas ao passo que esse sujeito se apropria do simbólico, vemos uma possibilidade de o sintoma “falar” por si só. O sintoma significa, ele possui sentido e serve a um impulso reprimido, portanto ele pode ser visto como problema, mas também é solução porque ao não resignificar, o sujeito se acomoda no próprio mal-estar e conseqüentemente no seu sofrimento. Marcelo Ricardo Pereira (2017) nos diz:

o sintoma é para o sujeito, ao mesmo tempo, aquilo que não anda bem já que lhe causa sofrimento; mas também é aquilo que lhe cabe bem já que ele passa a gozar e a se instituir no sintoma. Sempre ambivalente ele é desfuncionamento e laço.[...] é um problema, pois incapacita o sujeito para aproveitar a vida, fazê-la fruir; mas ao mesmo tempo, é solução porque se trata da resposta a essa incapacidade, garantindo ao sujeito uma forma substitutiva de satisfação no sofrimento (a ilusão de ganho de poder de uma pessoa cuja violência é tida como seu sintoma mostra bem a natureza de tal satisfação substitutiva) (PEREIRA, M. R.; p. 08, 2017).

Em suma, cada sujeito-professor possui um sintoma que é seu e que se relaciona com a sua história, história particular, subjetiva. Interessa-nos então, por meio da fala, compreender as relações que o sujeito estabelece com seu sintoma e por meio da linguagem buscar o seu Como? Por quê? Quando? Para quê?, na tentativa de ajudar a resignificar e atribuir um novo sentido. Trata-se de “não atacar o sintoma, mas abordá-lo como uma manifestação subjetiva, significa acolhê-lo para que possa ser desdobrado e decifrado, fazendo aí emergir um sujeito” (QUINET, p. 19, 2019).

### 2.3 Constituição do *Corpus* de Análise

Outra característica da Análise de Discurso é estabelecer o *corpus* de análise, ou seja, o material selecionado para a análise propriamente dita. Para isso, iniciamos com a definição de Recorte, pois o *corpus* só se consolida a partir de um Recorte de dados. Orlandi (1987) define recorte como sendo, “uma unidade discursiva, fragmento correlacionado de linguagem e situação” (p. 139).

Esses recortes funcionam como indícios do funcionamento discursivo, afinal na perspectiva da AD o discurso é essencial, pois remete à ideia de movimento e de caminho sem término. Afirma Assolini (2003) “com o discurso observa-se o homem falando”, e por isso fez-se uso dos recortes para analisar e encontrar as Formações Discursivas, Ideológicas e o Imaginário no qual o sujeito-professor se inscreve e se constitui.

Dessa forma, foram selecionadas algumas sequências discursivas de referência (SDR), que para Courtine (1981), servem como indícios reveladores sobre os processos discursivos que se relacionam com as condições de trabalho à que esses profissionais são expostos.

Trabalhar metodologicamente na perspectiva discursiva requer considerar que “(...) todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro”

(ORLANDI, 1999, p.62). Se tivermos em mente o discurso como um *continuum*, podemos dizer que as análises concentram-se em uma parte, escolhida de acordo com as nossas perguntas e objetivos (ASSOLINI, 2013).

Por fim, tentamos rastrear as pistas linguísticas que levaram ao processo discursivo, possibilitando explicar o funcionamento do discurso e a relação entre esse funcionamento e formações discursivas que, por sua vez, remetam às formações ideológicas e se refletem nas perspectivas trabalhistas que esses sujeitos-professores se encontram. Buscamos desconstruir o “caráter material do sentido-mascarado por sua evidente transparência para o sujeito” (ASSOLINI, 2013 apud PÉCHEUX, 1995).

Vale salientar que no contexto de AD cabem diferentes interpretações oriundas de outras posições do sujeito, assim sendo, o *corpus* esteve e está passível de novos olhares e novas interpretações.

O intuito é investigar o que cada sujeito-professor reflete sobre suas próprias condições de trabalho e discutir o tema comparando com o que lhes é oferecido nas instituições que ministram aulas, sendo elas públicas estaduais e privadas.

A escolha pela entrevista oral, registrada por gravação do áudio como instrumento de coleta de dados foi justificável pelo uso da AD, pois o falar em detrimento do escrever é bem mais revelador. Assim podemos dizer que os deslizos, as trocas, o silêncio, o engano, o eu quis dizer e entre outras falhas, são indícios que despertam no analista o funcionamento do discurso, logo “podemos dizer que não há língua sem esses deslizos, logo não há língua que não ofereça lugar à interpretação” (ORLANDI, 2009, p. 78), até as mesmas palavras podem trazer significados diferentes analisando o contexto e situação do sujeito.

Foi utilizado um diário de campo para registrar outros tipos de informações bem como algumas características dos sujeitos-professores. Quanto ao local em que cada sujeito-professor ministra aulas, salientamos que todas as escolas públicas são estaduais e situam-se na cidade de Ribeirão Preto (SP). As três escolas são relativamente grandes, atendendo por volta de mil alunos cada, todos provenientes de diversos bairros da cidade, localizadas em regiões de fácil acesso seja por veículo coletivo ou a pé, são as chamadas escolas centrais.

Quanto às escolas privadas, duas delas são de pequeno porte e outra um pouco maior, todas atendem alunos desde as séries iniciais até os anos finais e também se situam em regiões de fácil acesso, sendo uma delas em um bairro nobre da cidade.

Com isso, foram selecionados três sujeitos-professores através das experiências de estágio, que ministram aulas em escolas públicas estaduais e escolas privadas, para que fosse possível discutir e comparar as atuais condições de trabalho dos mesmos em ambas instituições.

É importante citar que se primou pela ética em todos os processos e, por isso, manteve-se o sigilo sobre toda e qualquer informação pessoal dos participantes. Além disso, cada sujeito-professor assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para

que pudesse participar da pesquisa, bem como todas as escolas envolvidas autorizaram a presença da pesquisadora no ambiente escolar e nas salas de aula.

Acredita-se que as respostas obtidas nos remetem a uma ou mais formação(ões) discursiva(s), que muito contribui(ram) para o desenvolvimento da pesquisa.

Fazer análises discursivas requer que o pesquisador movimente-se em um ir e vir constante entre os fundamentos teórico metodológicos, a leitura do *corpus* e a análise propriamente dita. Além disso, não poderíamos deixar de dizer que esse processo é afetado pelos gestos interpretativos do analista, e, portanto, pelas suas filiações às determinadas redes de sentido, condições de produção nas quais se efetivaram suas escolhas e, também, por sua incompletude (ASSOLINI, 2013).

É importante lembrar que o objetivo não foi estabelecer comparações entre os sujeitos-professores, mas sim entre as condições de trabalho oferecidas pela rede pública estadual e rede privada da cidade de Ribeirão Preto, bem como os reflexos dessas condições nas práticas pedagógicas desenvolvidas. Tendo em vista o exposto, avançaremos para as considerações finais.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A qualidade do ensino é um tema muito discutido, e por mais polissêmica que a palavra qualidade seja e aberta a inúmeras interpretações, acreditamos que as condições de trabalho refletem diretamente nas práticas pedagógicas dos professores e impactam na qualidade do ensino oferecido pelas instituições, independentemente de qual seja. Por outro lado, também observamos os reflexos dessas condições de trabalho no plano psíquico e físico desses profissionais.

Destacamos como diferencial entre esses ambientes de trabalho, os sentidos que as condições de trabalho possuem, ou melhor, as Formações Ideológicas que se constroem sobre o tema em cada escola. Nesse sentido, podemos observar os discursos atravessados por certezas, que remetem a um imaginário de que sempre as escolas particulares oferecerão as melhores condições de trabalho.

Notou-se pelas entrevistas, gravações, anotações e com as análises na perspectiva discursiva que há necessidade de melhorias urgentes nas condições oferecidas para que os profissionais desenvolvam o trabalho docente. Procurou-se também contextualizar as diferentes escolas em que estes profissionais podem atuar na tentativa de explicar alguns sentidos de convicção relacionados à qualidade de ensino oferecida por essas instituições, mas também desmistificar a ideia de que escola privada privilegia seus docentes em detrimento da escola pública.

De acordo com Panizòn (2014), escolas que disponham de um local que estimule o aluno e o professor ou que apresentem estruturas e recursos para inseri-los na era digital e com boas condições de trabalho podem ser definidas como escolas de qualidade.

Com isso, somos induzidos a acreditar que a escola privada descrita pelos sujeitos-professores tem os elementos necessários para que o ensino ocorra de forma mais efetiva e atrativa, entretanto é possível observar que nas escolas públicas há aplicação de verbas que podem contribuir para essas melhorias.

Conclui-se também, que as escolas públicas oferecem perspectivas de crescimento profissional, os chamados planos de carreira, que minimamente não são oferecidos aos docentes exclusivos da rede privada.

É evidente que o funcionamento das escolas públicas precisa ser (re)pensado, a fim de se assegurar melhores recursos, materiais didáticos, melhores políticas públicas favorecendo jornadas de trabalho menores, número menor de alunos por sala, alocação de recursos financeiros para laboratórios multidisciplinares, livros e afins para que o professor possa se sentir estimulado a realizar o melhor de seu trabalho com a essência necessária para uma profissão de tamanha importância como é a docência.

Práticas pedagógicas que assegurem um ensino de qualidade não são encontradas em uma receita ou em um livro qualquer, elas são construídas, pensadas, refletidas e estudadas por parte dos sujeitos-professores que precisam buscá-las através dos Espaços Formativos que dispõe. Essa prática é desafiadora, pois exige que o profissional se afaste da sua zona de comodidade e procure meios de se aprimorar dando a importância necessária a própria formação como recurso de resignificação dos sentidos que o sintoma provoca e repercute no seu trabalho pedagógico.

A sociedade pós-moderna cobra que qualquer profissional esteja em processo de formação continuada, e com os sujeitos-professores essa exigência é maior ainda, pois é preciso estudar continuamente, buscar novos conhecimentos, informação e recursos diante das demandas dos alunos e do contexto sócio-histórico. Para isso, os professores precisam estar inseridos em um ambiente que possibilite e crie condições para que eles possam trabalhar, formar-se, viver, nutrir-se cientificamente para se portar à altura da nobreza de sua profissão.

Em suma, observamos ao término da pesquisa as Formações Discursivas que cada sujeito-professor se filia, o Imaginário se revelando diante das condições de trabalho oferecidas pelas escolas públicas e privadas, e os sentidos da Ideologia nas práticas pedagógicas tecidas. Observamos também a presença do Esquecimento nº1, nos quais os sujeitos imaginam-se ser a origem de seu discurso bem como os sentidos de convicção durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Por fim, sugerimos a importância da formação continuada e busca por contínuo aprendizado como possibilidade de driblar os efeitos e impactos das condições de trabalho nas práticas pedagógicas. Não podemos nos esquecer de que a Ideologia de cada sujeito-professor, juntamente com a sua história e seus sentidos são elementos fundamentais para a construção das suas Identidades Docente. É que espaços de escuta auxiliam no processo de resignificação tornando a carreira docente mais 'leve' com criatividade para

superar os obstáculos e contratempos na busca de melhores condições para executar a essência da profissão: construir conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, S. (org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999 (1ª reimp.), p. 105- 142.

ASSOLINI, F. E. P. **Interpretação e letramento**: os pilares de sustentação da autoria. 2003. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia e Educação, Ribeirão Preto, 2003.

ASSOLINI, F. E. P.; LASTÓRIA, A. C. (Orgs.). **Diferentes linguagens no ensino fundamental**. Florianópolis: Insular, 2013. 160 p.

COURTINE, J. J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours**. À propôs du discours communiste adresse aux chrétiens. *Langages*, 62, 1981, p. 9-127.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Layola, 2000. 80 p.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. 93 p.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP: Pontes, 1988. 104 p.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, SP: Pontes, 1987. 280 p.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Pontes, 1996. 280 p.

ORLANDI, E. P.; **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP; 2007. 181 p.

PANIZON, M. 2014. **Diferenças entre o ensino público e particular: influências em relação ao aprendizado**. Disponível em <[http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/DIFERENCAS-ENTRE-O-ENSINO-PUBLICO-E-PARTICULAR-INFLUENCIAS-EM-RELACAO-AO-APRENDIZADO\[6909\].pdf](http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/DIFERENCAS-ENTRE-O-ENSINO-PUBLICO-E-PARTICULAR-INFLUENCIAS-EM-RELACAO-AO-APRENDIZADO[6909].pdf)> Acessado em 27/12/2015.

PEREIRA, M. R. **Os Sintomas na Educação de Hoje**: que fazemos com “isso”? Belo Horizonte: Scriptum, 2017. 336 p.

QUINET, A. **A Descoberta do Inconsciente**: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2019. 162 p.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

### E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

### F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

### I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

### J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

### L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

## **M**

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

## **N**

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

## **P**

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 